

Um luxo só

Primeira loja de noivas da Vila Estrutural atíça os sonhos das mulheres e muda a paisagem do lugar

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos: Carlos Vieira/CB

É lá, na Avenida Luiz Estevão — sim, ali tem uma com-
pridíssima avenida chama-
da Luiz Estevão, a mais mo-
vimentada, a mais engarrafada, a
mais enlouquecida, ainda sem as-
falto, com esgoto a céu aberto e
um poeirão danado — que uma
mulher de 65 anos resolveu ven-
der sonhos. E o fez da forma mais
inusitada. Abriu, há uma semana,
a simpaticíssima Sheila Noivas. O
empreendimento, tinindo de no-
vo, mudou a paisagem do lugar. É
a primeira loja de noivas da inva-
são da Estrutural, hoje chamada
oficialmente de Vila Estrutural.

É lá que vestidos brancos ex-
postos em cabides e cobertos por
plásticos, para poupá-los da poei-
ra que não dá trégua, criam fanta-
sias do casamento na cabeça das
moçoilas do lugar. Algumas pa-
ram para saber detalhes de preço,
tecido, enfeite. Outras se imagi-
nam dentro deles. Pegam-nos.
Miram-se no espelho. E viajam
nos pensamentos. A vida, definiti-
vamente, não é a mais a mesma
na Estrutural, depois da chegada
da Sheila Noivas. Quem passa pe-
la Avenida Luiz Estevão sempre
dá uma espiadinha. O tititi anda
de rua em rua. Todo mundo quer
conhecer a novidade. Até os ho-
mens. Adolescentes doidas para
se casar vão em grupos. Mulheres
que vivem com companheiros,
mas nunca se casaram na igreja,
sonham de olhos abertos.

A dona do estabelecimento, a
cearense Iraci Rodrigues França,
ex-cozinheira, é toda sorrisos. E
com razão. Em sete dias, já alugou
sete vestidos de daminhas e um de
noiva. “O da noiva é todo de strass
(vidro que imita determinadas pe-
dras preciosas) costurado com
lantejoulas e um corte em estilo
evasê (que apresenta forma se-
melhante a um cone, alargando-
se na base)”, detalha ela. Um luxo,
minha gente! Sheila Modas (o no-
me é uma homenagem à filha de
Iraci) é um luxo! Só não alugou
mais um vestido para uma moça
que se casou ontem porque a loja
ainda não havia inaugurado. “E
ela foi a uma loja de Taguatinga e
gastou uma fortuna”, diz a empre-
sária do ramo casamenteiro.

Na Sheila Noivas, todos os ves-
tidos são alugados. “Não com-
pensa vender. Hoje, as pessoas só
têm dinheiro para o aluguel”, explica Iraci. Com
o marido, o ex-mestre-de-obras Joaquim França
Sobrinho, cearense de 66 anos, hoje decorador
de igreja e salões de casamento, Iraci desembar-
ca de tempos em tempos em Goiânia. Lá, esco-
lhem os vestidos da noivas e das daminhas. “São
de segunda mão, mas tudo em bom estado”, ga-
rante ela. Na volta, é hora de dividir as mercadorias
nas duas lojas da família. Sim, há 14 anos
existe outra Sheila Noivas, a matriz, no Gama.

Mas Iraci quer fazer da Sheila Noivas da Es-
trutural uma loja de categoria. “As mulheres
que moram aqui precisavam dessa opção. Ago-
ra, quando forem se casar, não têm mais que
pegar ônibus e bater perna atrás de vestido em
Taguatinga, na Ceilândia e até em Águas Lin-
das”, observa Vera Lúcia da Silva, de 28 anos,
nora de Iraci. Além de nora, Vera é uma espécie
de gerente do estabelecimento na ausência da
dona. Vira até modelo, se for o gosto da fregue-
sa. Ela experimenta os vestidos quando quer
mostrá-los para noivas indecisas.

Todos os bolsos

Na Sheila Noivas o preço é proporcional ao bol-
so das noivas. O aluguel de um vestido mais
simples custa R\$ 250. Os mais chiques chegam
a R\$ 400. Em Taguatinga, na cidade onde existe
o maior número de lojas nesse ramo por metro
quadrado do DF, um simplesinho não sai por
menos de R\$ 600. Os chiques? Chegam a mais
de R\$ 3 mil. Na Estrutural, sonhos podem ser
realizados bem mais em conta.

Iraci aprendeu isso direitinho. Frequentadora
da invasão — a nora, o filho e o neto moram ali
há muitos anos —, a comerciante percebeu que
havia de tudo na Estrutural. De tudo mesmo.
Centenas de salões de beleza, lojas de material
de construção, farmácias, sorveterias, açougues,
lan houses. Mas não havia nenhuma, umazinha
sequer, loja que vestisse noivas. Iraci conversou
com o marido. Ele achou a idéia genial. Vera Lú-
cia, a nora, adorou. Pronto. Faltava procurar o
ponto. E alugá-lo. O valor do aluguel do imóvel?
R\$ 250. Sheila Noivas estava a caminho.

Há uma semana, o que era apenas uma idéia
virou fato. Hora de encher o espaço simplório —
com piso de cerâmica gasta e fotos de casamen-
tos penduradas na parede — com novidades que
encantem os olhos. Hora de levar fantasia àquela
gente humilde. A simpática Iraci descobriu tam-
bém que, além de alugar vestidos, ela podia aju-
dar mulheres a concretizar outros desejos. “Eu
visto sonhos e isso faz bem à alma”, reflete. De-
pois, às gargalhadas, faz planos: “Quero casar
muita mulher daqui”.

Por vestir sonhos — e sonhos são tão demo-
cráticos que embalam igual e saborosamente
as moças da Estrutural e as do Plano Piloto ou
do Lago Sul —, a loja está bombando. Mesmo
há uma semana, mudou a cara da Avenida Luiz
Estevão. Mocinhas entram apenas para experi-
mentar os modelos. Aham-se lindas. Promet-
tem chegar ao altar. “Pra mim é como se fosse
um conto de fadas. Eu vou viver o meu conto”,
planeja a estudante Thaís Michele de Jesus, 18.
Tem até viúva e divorciada que anda pensando

em se casar novamente. De vesti-
do de noiva, claro.

A dona-de-casa Juracy Gon-
çalves, 50, separada, há 15 anos
na Estrutural, vibrou com a che-
gada do novo estabelecimento.
“Desde que a loja abriu, passo
aqui todos os dias. Fico namo-
rando os vestidos. Deu até von-
tade de usar um.” E se inspira na
história da própria mãe: “Ela
tem 74 anos, tava viúva há muito
tempo. Um dia, encontrou um
companheiro e resolveu se casar
novamente. Há um mês entrou
na igreja de vestido de noiva”. A
filha de Juracy, Marinete Rocha,
27, arregala os olhos: “A gente
sente até vontade de casar
olhando essas roupas”.

Passeando pela avenida movi-
mentada, barulhenta e poeiren-
ta, a faxineira Maria Isaura As-
sunção, 48, solteira, dois filhos,
três netos, dá uma paradinha pa-
ra espiar a novidade. O cansaço
do trabalho e o enjão do sacolejo
no ônibus dão lugar, mesmo por
instantes, à contemplação: “Eu
chego a sonhar quando vejo um
vestido desse. Limpa a vista. Faz
a gente achar que quase tudo é
bonito por aqui”.

Chique no último

Iraci, a dona da Sheila Noivas,
tem tido um trabalho. Quando
as clientes terminam de experi-
mentar os vestidos, é hora de
guardá-los imediatamente den-
tro de sacos plásticos. “A poeira
daqui deixa a roupa encardida”,
conta. Resultado: o branco fica
amarelo. Não há noiva que o acei-
te assim. Pelo contrário, a confu-
são pode estar a caminho. Depois
do casamento, as moças têm dois
dias para devolver o produto alu-
gado. É quando Iraci leva a peça
para casa, no Gama, passa para o
tanque e deixa o vestido novinho.
Pronto para o casamento da pró-
xima felizarda.

Radiante com o novo negócio,
a proprietária da loja que veste
noivas faz uma previsão: “O ca-
samento não vai acabar nunca. To-
do tempo vai ter uma moça reali-
zando o sonho de usar um vestido
desse e subir no altar”. Joaquim,
marido de Iraci, que decora as
igrejas caso a noiva também con-
trate o serviço, filosofa: “Nosso pa-
pel é fazer as pessoas mais felizes”.

Nesse momento, entra no es-
tabelecimento a autônoma Leda
da Cruz Bezerra, 34 anos, casa-
mento marcado para o dia 30, na
Capela Nossa Senhora da Esperança, pertinho
da Avenida Luiz Estevão. A moça pergunta
preço, olha alguns vestidos. Iraci lhe indica um
que custa R\$ 250. E avisa: “O aluguel dá direito
a uma coroa, luva, tiara, véu, porta-aliança,
cestinha de flores e os dois vestidos das dami-
nhas”. Ufa! Leda ouve. Vê outros modelos.
Imagina-se entrando na igreja. Consegue ou-
vir até a música. “Vou realizar o maior sonho
da minha vida”, alegra-se.

Num lugarzinho modesto, bem modesto
mesmo, sem asfalto e com esgoto a céu aberto,
a vida se encheu de sonhos e fantasia. E ela, a
fantasia, se vestiu de vestidos de noivas, bran-
quinhos, com “strass, lantejoulas e um corte em
estilo evasê”, como diria a ex-cozinheira Iraci.
Chique no último. É sonho bom. Sonho pra ser
sonhado. Sheila Noivas, que mal inaugurou e já
quer melhorar as instalações (“as noivas mere-
cem conforto”, avalia a dona), mudou a paisa-
gem da Estrutural. Luiz Estevão, a avenida,
agora bombou de vez.

EM SETE DIAS, IRACI FRANÇA JÁ ALUGOU SETE VESTIDOS DE DAMINHAS E UM DE NOIVA: “O CASAMENTO NÃO VAI ACABAR NUNCA”



“EU CHEGO A SONHAR QUANDO VEJO
UM VESTIDO DESSE. LIMPA A VISTA.
FAZ A GENTE ACHAR QUE QUASE
TUDO É BONITO POR AQUI”

Maria Isaura Assunção, faxineira



“EU VISTO SONHOS E
ISSO FAZ BEM À
ALMA. QUERO CASAR
MUITA MULHER DAQUI”

Iraci Rodrigues França (E), comerciante